

CAPÍTULO 2 - 437A19–438A5

437a19 Atualmente, alguns investigam sobre os órgãos do corpo nos quais esses sentidos se realizam com referência aos elementos dos corpos. Mas, não conseguindo adaptá-los a quatro, já que há cinco, eles se preocupam com o quinto.

437a22 Mas todos eles consideram que a visão é feita de fogo, porque não conhecem a causa de uma certa afecção: quando o olho é comprimido e movido, parece brilhar fogo. Isso acontece na escuridão, ou quando as pálpebras estão abaixadas, o que também a torna escura.

437a26 Mas isso apresenta outra dificuldade. Pois, se algo visível não pode escapar à atenção de quem sente e vê, será necessário que o olho esteja sempre vendo fogo. Por que então isso não acontece quando ele está em repouso?

437a30 Agora, a causa disso — tanto para a objeção quanto para a visão de que a visão é feita de fogo — deve ser entendida da seguinte forma. Coisas lisas naturalmente brilham na escuridão, mas não produzem luz; e a chamada parte preta e o centro do olho são lisos. E o que aparece aparece para um olho que é movido porque o que acontece é que o que é um se torna como se fosse dois, e a velocidade do movimento faz parecer que o que vê e o que é visto são diferentes. Portanto, isso não acontece a menos que seja rapidamente.

437b5 Isso acontece na escuridão, pois uma coisa lisa na escuridão naturalmente brilha, como certas cabeças de peixe e a tinta do polvo. E quando o olho é suavemente movido, não acontece que o que vê e o que é visto pareçam simultaneamente ser um e dois. Mas no outro caso, o próprio olho vê a si mesmo, como faz na refração.

437b10 Se fosse fogo, como diz Empédocles, e como está escrito no *Timeu*, e a visão ocorresse por uma luz que sai, como a de uma lâmpada, por que a visão também não vê na escuridão?

437b14 Dizer que, ao sair, ela é "extinta" na escuridão é completamente tolo.

437b15 Pois o que é "extinção" da luz? O que é quente e seco é extinto pela umidade ou pelo frio, como pode ser visto no caso das brasas de um fogo e da chama. Mas nenhum dos dois parece ser o caso com a luz.

437b19 Se fosse o caso, mas a luz escapa à nossa atenção por causa da "fraqueza", ela teria que ser extinta durante o dia e na água, e seria mais escurecida onde há gelo, pois a chama e corpos em combustão são afetados dessa forma. Mas nada disso acontece neste caso.

437b23 Empédocles parece pensar, como foi dito antes, que a visão ocorre pela luz que sai. Pois ele diz:

Como quando alguém, pensando em sair em uma noite de inverno, prepara uma lâmpada, acende uma luz de fogo ardente.

de modo a barrar a força de todos os ventos, pois ele desvia o sopro dos ventos que sopram. Mas a luz irrompe: por mais que se expanda, ilumina com raios subjugados por uma cobertura — Da mesma forma, a luz antiga guardada em membranas — linho fino — derrama-se ao redor em círculo através da pupila, que revelará uma profundidade de água fluindo ao redor. Mas a luz sai, por mais que se expanda. Às vezes, então, ele diz que ver é assim, mas às vezes que ocorre por emanções do que é visto.

Comentário

437a19 Após o Filósofo ter resumido o que é necessário para a presente consideração das próprias potências sensitivas, agora ele prossegue à sua proposta principal neste livro, aplicando a consideração das potências sensitivas ao que é corpóreo.

Primeiro, com respeito aos órgãos dos sentidos. Segundo, com respeito aos objetos sensíveis, onde ele diz "Acerca dos objetos sensíveis" (Capítulo 5, 439a6).

No primeiro ponto, ele faz duas coisas. Ele atribui os órgãos dos sentidos aos elementos, primeiro refutando argumentos de outros; segundo, determinando o que poderia ser mais provavelmente o caso, onde ele diz "Se, então, o que acontece nesses casos" (Capítulo 4, 438b16).

No primeiro ponto, ele faz duas coisas. Primeiro, ele toca de modo geral na maneira como os Antigos atribuíam os órgãos dos sentidos aos elementos. Segundo, ele foca especificamente no órgão da visão, sobre o qual muitos se enganaram, onde ele diz "Mas todos eles fazem a visão ser de fogo" (437a22).

Assim, ele diz primeiramente que filósofos anteriores perguntaram, com referência aos elementos dos corpos: "Quais são os tipos de órgãos corporais nos quais e pelos quais as operações das potências sensitivas são exercidas?"

Eles fizeram isso porque, como foi dito em "Sobre a Alma" I, sustentavam que o semelhante é conhecido pelo semelhante e, portanto, sustentavam que a própria alma tem a mesma natureza que os princípios das coisas, de modo que, por meio disso, pudesse conhecer todas as coisas, sendo como que conforme a todas as coisas, visto que todas as coisas participam dos princípios.

Nota de Rodapé

Pela mesma razão, atribuíram os órgãos dos sentidos aos elementos dos corpos, porque todas as coisas corpóreas são conhecidas por meio dos órgãos dos sentidos. Mas imediatamente uma dificuldade lhes ocorreu: há cinco sentidos e quatro elementos. E então buscaram algo a que pudessem atribuir o órgão do quinto sentido.

Entre o ar e a água há um intermediário, mais denso que o ar, mas mais sutil que a água, que é chamado de "fumaça" ou "vapor", e alguns sustentaram que ele também é um primeiro princípio, ao qual atribuíram o órgão do olfato, já que o odor é percebido por meio de uma evaporação esfumaçada. E atribuíram os outros quatro sentidos aos quatro elementos: o tato à terra, o paladar

à água (já que o sabor é percebido por meio da umidade), a audição ao ar e a visão ao fogo.

437a22 Então, quando ele diz "Mas todos eles fazem a visão ser de fogo", ele procede especificamente ao órgão da visão, que eles atribuíram ao fogo.

Primeiro, ele refuta a causa que apresentaram para sua posição. Segundo, refuta a própria posição, quando diz: *Se fosse fogo* (437b 10).

Quanto ao primeiro ponto, ele faz três coisas. Primeiro, apresenta a causa que levou alguns a atribuir o órgão da visão ao fogo. Segundo, levanta uma dificuldade, onde diz: *Mas isso apresenta outra dificuldade* (437a26). Terceiro, determina a verdade sobre ambos os pontos, onde diz: *Agora, a causa disso* (437a30).

Assim, ele diz primeiro que todos os que atribuem o órgão da visão ao fogo o fazem porque desconhecem a causa de uma certa afecção que ocorre no olho: se o olho é pressionado e movido com força, parece que o fogo brilha. Se as pálpebras estão abertas, isso acontece apenas quando o ambiente está escuro; também ocorre quando o ambiente está claro, se as pálpebras forem primeiro fechadas, porque assim se torna escuro para o olho fechado. Eles pensavam que essa afecção era um sinal claro de que o órgão da visão pertence ao fogo.

437a26 Então, quando ele diz *Mas isso apresenta outra dificuldade*, ele levanta uma dificuldade sobre o que foi dito.

Pois é claro que uma faculdade sensorial apreende uma coisa sensível que está presente e, portanto, a visão apreende uma coisa visível que está presente; e o fogo, por causa de sua luz, é algo visível. Portanto, se o fogo está sempre presente à visão, ou seja, ao órgão da visão, já que existe nele, parece que a visão deveria sempre estar vendo fogo.

Mas isso não decorre dos princípios que Aristóteles estabeleceu, pois ele sustenta que uma faculdade sensorial está em potência para uma coisa sensível e que deve ser alterada pela coisa através de um meio. De acordo com ele, então, uma coisa sensível colocada sobre uma faculdade sensorial não é percebida, como é dito no livro *Sobre a Alma* II, nota, de modo que, se o órgão da visão fosse feito de fogo, por essa mesma razão a visão não veria fogo.

Mas, segundo os outros filósofos, a visão e os outros sentidos percebem as coisas sensíveis na medida em que são realmente do mesmo tipo — isto é, semelhantes — às coisas sensíveis, porque têm a mesma natureza que os princípios das coisas, como foi dito. De acordo com eles, então, pelo simples fato de o órgão da visão ser feito de fogo, segue-se que ele vê fogo da maneira descrita.

Mas então permanece a dificuldade que Aristóteles aqui introduz: por que um olho em repouso não vê fogo, como vê um olho que é movido?

437a30 Então, quando ele diz *Agora, a causa disso*, ele dá a causa da aparência mencionada acima, pela qual a dificuldade levantada é resolvida, e mostra como foi tolice deles pensar que a visão é feita de fogo.

Sobre esse ponto, deve-se entender que corpos lisos — isto é, polidos e limpos — têm, por uma propriedade de sua natureza, um certo brilho, que não ocorre em corpos ásperos e irregulares porque algumas partes se elevam acima de outras e obscurecem estas últimas. E embora tais corpos de certa forma brilhem em si mesmos, eles não têm brilho suficiente para tornar um meio brilhante em ato, como fazem o sol e corpos semelhantes.

Agora, é claro que o centro do olho, chamado de parte negra do olho, é como que liso e polido. Portanto, ele tem um brilho devido à sua lisura, não da natureza do fogo, como os outros pensavam. Isso já elimina qualquer necessidade de atribuir o órgão da visão ao fogo, já que a causa do brilho que aparece pode ser atribuída a algo diferente do fogo.

Mas seja causado pelo fogo ou pela lisura da pupila, permanece uma dificuldade comum a ambas as posições: por que um olho que é movido vê esse brilho, mas um olho em repouso não vê?

Assim, ele dá a causa disso e diz que esse tipo de brilho aparece a um olho que é movido porque o que acontece através do movimento do olho é que o que é uno torna-se como se fossem dois. Pois a pupila que brilha e vê é uma e a mesma em sujeito: mas na medida em que brilha, projeta seu brilho para fora; e na medida em que vê, apreende o brilho como que recebendo-o de fora.

Quando o olho está parado, portanto, ele emite o brilho para fora, e assim a visão não recebe o brilho de modo a vê-lo. Mas quando é movido rapidamente, sua parte negra é levada, antes que o brilho se desvança, ao lugar "externo" para o qual a pupila emitiu seu brilho. Assim, a pupila, tendo sido levada rapidamente ao segundo lugar, recebe seu próprio brilho como se fosse de fora, e assim parece que o que vê e o que é visto são diferentes, embora sejam o mesmo em sujeito. Portanto, essa aparência de brilho não ocorre a menos que o olho seja movido rapidamente, porque, se for movido lentamente, a impressão do brilho se desvanecerá do lugar "externo" para onde o brilho foi antes que a pupila chegue lá.

No entanto, parece que nenhuma velocidade de movimento seria suficiente para que isso acontecesse. Pois, por mais rápido que seja o movimento local, ele deve ocorrer no tempo. Mas a emissão de brilho na presença de um corpo brilhante, e sua cessação na ausência dele, ocorrem instantaneamente. Portanto, não parece possível, por mais rapidamente que o olho se mova, que a pupila alcance o lugar "externo" antes que o brilho, que veio da pupila existente no outro lugar, cesse.

Segundo Alexandre, no comentário, devemos responder que a pupila é um corpo, divisível em partes. Assim, se o olho se move rapidamente, quando parte da pupila começa a alcançar o outro lugar, o brilho ainda está vindo dali do restante do corpo da pupila que ainda não chegou àquele lugar. É por isso que a pupila começa a ver um brilho que é, por assim dizer, brilhando de outro lugar. Um sinal disso é que o brilho não parece desaparecer gradualmente: antes, quando passa, a visão dele cessa abruptamente.

+0+

437b5 Ele também dá a razão pela qual esse tipo de operação acontece na escuridão e não na luz, a saber, porque o brilho dos corpos lisos é tão pequeno que é obscurecido por uma grande luminosidade, embora seja visto na escuridão. Isso também acontece com outras coisas que têm

uma pequena quantidade de luz e, por essa razão, são vistas na escuridão, mas não na luz, por exemplo, certas cabeças de peixe e o fluido escuro do peixe chamado siba. Ele acrescenta que, se o olho é movido suavemente — isto é, lentamente —, a aparência acima mencionada não acontece pelo fato de o que vê e o que é visto parecerem simultaneamente um e dois, como foi dito. Mas no outro caso — isto é, quando o olho é movido rapidamente —, então o olho vê a si mesmo como que sendo afetado por si mesmo em sua outra posição. Isso também acontece na "refração" — isto é, reflexão —, por exemplo, quando um olho se vê num espelho do qual, como que de fora, a forma do olho retorna ao próprio olho por meio da reflexão, assim como, na aparência acima mencionada, o brilho do olho retorna ao próprio olho, como foi dito.

437b 10 Então, quando ele diz *Se fosse fogo*, ele procede a refutar a própria posição: primeiro na medida em que aqueles filósofos atribuíram a visão ao fogo; segundo, na medida em que sustentaram que a visão vê por extramissão, onde ele diz *É totalmente irracional* (Capítulo 3, 438a25).

No primeiro ponto, ele faz três coisas. Ele apresenta primeiro a opinião de Platão; segundo, a opinião de Empédocles, onde ele diz *Empédocles parece pensar* (437b23); e terceiro, a opinião de Demócrito, onde ele diz *Demócrito diz corretamente* (Capítulo 3, 438a5).

No primeiro ponto, ele faz duas coisas. Primeiro, ele levanta uma objeção contra Platão. Segundo, ele refuta a resposta de Platão, onde ele diz *Dizer que, ao sair* (437b 14).

Quanto ao primeiro ponto, deve-se saber que Empédocles e Platão, no *Timeu*, concordaram em duas coisas: uma é que o órgão da visão pertence ao fogo; a segunda é que a visão ocorre por uma luz que sai do olho como de uma lâmpada. Dessas duas posições, o Filósofo conclui que a visão deveria ver na escuridão, assim como faz na luz: pois a luz pode ser emitida de uma lâmpada para iluminar o meio no escuro; e assim, se o olho visse por emissão de luz, seguir-se-ia que o olho também deveria ser capaz de ver no escuro.

437b14 Então, quando ele diz *Dizer que, ao sair*, ele refuta a resposta de Platão, que diz no *Timeu* que, quando a luz sai do olho, se ela encontra luz no meio, é preservada por ela como por algo semelhante a si mesma, e por causa disso ocorre a visão; mas se ela não encontra luz, mas escuridão, então, devido à dessemelhança da escuridão com a luz, a luz que sai do olho é "extinta", e assim o olho não vê. Mas Aristóteles diz que dar essa causa é tolo.

437b15 E ele prova isso onde diz *Pois o que é "extinção" da luz?*

Pois nenhuma razão pode ser dada por que a luz do olho é "extinta" pela escuridão. Os platônicos disseram que há três espécies de fogo, a saber, luz, chama e brasa. Nota de rodapé: Como o fogo é naturalmente quente e seco, ele é extinto pelo frio ou pela umidade, e isso claramente acontece no caso de brasas e chamas. Mas nenhum dos dois é causa de extinção no caso da luz, pois ela não é destruída nem pelo frio nem pela umidade. Portanto, é incorreto dizer que a luz é extinta da mesma forma que o fogo.

Mas Alexandre diz no comentário que há outra leitura, como se segue:

437b15... como se vê no fogo em brasas e chamas. Mas nenhum dos dois parece pertencer à escuridão. Pois não é nem a umidade nem o frio pelos quais a "extinção" ocorre.

E nesta leitura, o argumento de Aristóteles parece ser mais pertinente: a luz do fogo que aparece em brasas e chamas descobre-se ser extinta pelo frio e pela umidade; mas a escuridão não é algo frio nem algo úmido; portanto, a luz do fogo que sai do olho não pode ser extinta pela escuridão.

437b19 Alguém poderia dizer que a luz do fogo que sai do olho não é "extinta" na escuridão, mas que, por não ser "fortalecida" pela luz externa, e assim ser fraca, escapa à nossa percepção, e que é por isso que a visão não ocorre.

Mas Aristóteles refuta isso onde diz: "Se fosse o caso."

Sobre este ponto, deve-se saber que a luz do fogo é "extinta" ou obscurecida de duas maneiras: de um modo, em relação a uma propriedade da luz, ou seja, que uma luz pequena é extinta pela presença de uma luz maior; de outro modo, em relação a uma propriedade do fogo, que se extingue na água.

Assim, se a luz fraca que sai do olho fosse feita de fogo, ela teria que se extinguir na luz do dia, por causa do maior brilho; e na água, por causa de sua contrariedade ao fogo; e a luz da potência visual seria ainda mais obscurecida onde há gelo, pois vemos que é isso que acontece no caso da chama e dos corpos em chamas. Mas não acontece no caso da visão, e assim fica claro que a resposta mencionada acima é tola.

437b23 Em seguida, quando ele diz "Empédocles parece pensar", ele relata a opinião de Empédocles, cuja refutação já foi tocada.

Ele diz que Empédocles parece pensar, como foi dito, que a visão ocorre pela emissão de luz.

E ele cita as palavras de Empédocles, que foram compostas em metro. Empédocles disse que o que acontece na visão é como quando alguém, pensando em sair por uma estrada em uma noite de inverno — isto é, quando o vento sopra — prepara uma lanterna. Ele acende uma luz de fogo ardente e, para bloquear a força de todos os ventos, coloca a luz acesa em uma lanterna, e por este meio desvia o sopro dos ventos que respiram — isto é, impede que seu sopro alcance a luz do fogo. Mas a luz contida dentro sai, e quanto mais para fora se expande, mais ilumina o ar, mas de tal modo que os raios que saem são subjugados — isto é, enfraquecidos — por uma cobertura na lanterna, por exemplo, pele ou algo do tipo; pois o ar não é tão brilhantemente iluminado pela lanterna como seria pelo fogo desprotegido.

E ele diz que algo semelhante acontece no olho, no qual a luz antiga — isto é, a luz ali presente desde a formação do olho — é guardada — isto é, preservada com segurança — para a sensação, em membranas — isto é, córneas do olho — através das quais, como através de linho fino, a luz se derrama ao redor em todas as direções através da pupila. Essas córneas revelam, pelos raios emitidos através delas, uma profundidade de água fluindo ao redor do fogo aceso na pupila, água para nutrir, ou melhor, temperar o fogo reunido na profundidade. E assim a luz se estende, por mais que se expanda, partindo de dentro.

Alternativamente, sua menção de “ao redor em um círculo” deve ser entendida com referência à redondeza da pupila.

Deve-se notar que ele disse, significativamente, “com raios subjugados por uma cobertura”, para indicar a razão pela qual uma coisa não é vista na escuridão, ou seja, que a luz que sai é enfraquecida ao passar pelas coberturas mencionadas, de modo que não pode iluminar completamente o ar.

Tendo apresentado as palavras de Empédocles, ele acrescenta que às vezes ele disse que a visão ocorre por emissão de luz, como foi dito, mas às vezes ele disse que a visão ocorre por certos corpos que emanam das coisas visíveis e chegam à vista. E talvez sua opinião fosse que os dois estão unidos para a visão.

Revision #1

Created 5 October 2026 23:35:46 by Admin

Updated 5 October 2026 23:36:35 by Admin